



Revista da Gestão Costeira Integrada #(#):#-#8 (2010)
Número Especial 2, Manguezais do Brasil (2010)
Journal of Integrated Coastal Zone Management #(#):#-#8 (2010)
...em inglês...



Análise Sócio-econômica e Cultural da comunidade pesqueira do Pirajubaé (Baía Sul – Florianópolis - Santa Catarina - Brasil): Uma ferramenta para o Gerenciamento Costeiro Integrado

Socio-economic and Cultural analysis of the Pirajubaé fishing community (Baía Sul – Florianópolis – Santa Catarina - Brazil): A Tool for Integrated Coastal Management

Vizinho, Samanta Carnavaro ¹ & Tognella-de-Rosa, Mônica Maria Pereira ²

RESUMO

A comunidade pesqueira da Baía Sul (Florianópolis, Santa Catarina) depende social, cultural e economicamente do manguezal do Rio Tavares, que integra a primeira reserva extrativista marinha do Brasil, denominada Reserva Extrativista Marinha do Pirajubaé (RESEX do Pirajubaé). A obtenção dos dados para análise da comunidade foi realizada por meio de entrevista, elaborou-se um questionário, composto de questões de múltiplas escolha e abertas. Os questionários foram realizados tanto com os pescadores e quanto com suas esposas. Os dados amostrais foram analisados estatisticamente considerando-se as porcentagens de respostas. Entre março de 1999 e maio de 2000, realizaram-se 85 questionários, sendo que destes, 53% foram com os pescadores e 47% com as esposas dos pescadores. A maioria dos pescadores caracterizou-se como proprietários de embarcações (80%) e 53% dos entrevistados realizavam saídas para o mar todos os dias da semana. Os petrechos de pesca utilizados para as atividades de extrativismo eram tarrafa, redes de fundeio, feiticeira, fundeio e emalhe. Para a captura do berbigão (*Anomalocardia brasiliensis*) utilizam o gancho, especificamente. Constatou-se que não diferentemente das demais comunidades pesqueiras localizadas no litoral catarinense, a Costeira do Pirajubaé sofre com a falta de saneamento básico, sendo que 54% dos inquiridos relataram que todo o efluente doméstico é lançado diretamente no manguezal.

Palavras-chave: manguezal, RESEX do Pirajubaé, comunidade pesqueira.

ABSTRACT

The Pirajubaé fishing community localized in South Bay (Florianopolis, Santa Catarina) depends socially, economically and culturally of the river Tavares mangrove. This mangrove constitutes the first extractive marine reserve of Brazil known as Extractive Marine Reserve do

¹ Oceanógrafa.

² Professora Doutora, Universidade Federal do Espírito Santo, Centro Universitário Norte do Espírito Santo – UFES/CEUNES (Espírito Santo – Brasil) monicatognella@cennes.ufes.br; monica.tognella@gmail.com

Pirajubaé (RESEX do Pirajubaé). This research applies interviews, and some questionnaires were elaborated to obtain data which was composed by opened and closed (multiple choice) questions. Those inquires were applied to fisherman and theirs wives. The sample data were statistically analyzed by percentage of answers. From march of 1999 until may of 2000, 85 interviews were applied and this results in 53% of them were with fisherman and 47% with the fisherman wife's. Most fisherman are the owners of the boats (80%) and 53 % of them went to sea daily. The fishing technique utilized were hand cast net, bottom set gillnet, trammel net and gillnet. The capture of cockle (*Anomalocardia brasiliensis*) was made by hook, a special fishing arts crafts. Similar as other fishing communities located in the Santa Catarina coastal zone, Costeira do Pirajubaé community hasn't a water supply system competent. In the interviews, we recognized that 54% of the domestic effluents were through directly mangrove.

Keywords: mangrove, RESEX of Pirajubaé, fishing community.

1. INTRODUÇÃO

Ao longo do litoral brasileiro são inúmeras as comunidades pesqueiras que dependem quase que exclusivamente do ecossistema manguezal. A comunidade pesqueira do Pirajubaé é mais uma das que se caracteriza por depender tanto de forma social quanto econômica e culturalmente do manguezal do Rio Tavares. Este é parte integrante da primeira reserva extrativista marinha do Brasil, denominada de Reserva Extrativista Marinha do Pirajubaé (RESEX do Pirajubaé). A RESEX do Pirajubaé (Figura 1) compreende uma área de 1.444 ha, sendo que 740 ha corresponde ao manguezal do Rio Tavares e os 704 ha restantes estão localizados no Baixo da Tipitinga, sendo este o local que propicia as condições adequadas para o desenvolvimento do berbigão (*Anomalocardia brasiliensis*) (IBAMA, s.d.).

A proposta da implantação de fazenda marinha para a extração do berbigão surgiu da iniciativa de 15 famílias de pescadores artesanais da Costeira do Pirajubaé, sob a orientação do IBAMA/CNPT. Esse projeto embasou a proposta de criação da RESEX do Pirajubaé, formalizado pelo Decreto Federal nº 533/92, sendo que a exploração auto-sustentável da reserva por parte dos extrativistas foi assegurada como a implantação do plano de utilização publicado pela Portaria nº 078/96 (IBAMA, 1997).

Entretanto, somente quatro anos após a sua implantação, a RESEX do Pirajubaé tornou-se alvo de um enorme impacto ambiental decorrente da expansão da malha viária do município de Florianópolis. A pressão urbana atual sobre a região sul da Ilha de Santa Catarina propiciou uma grande demanda para a ampliação das vias de circulação do trânsito local. Para isso, foi realizada a construção de

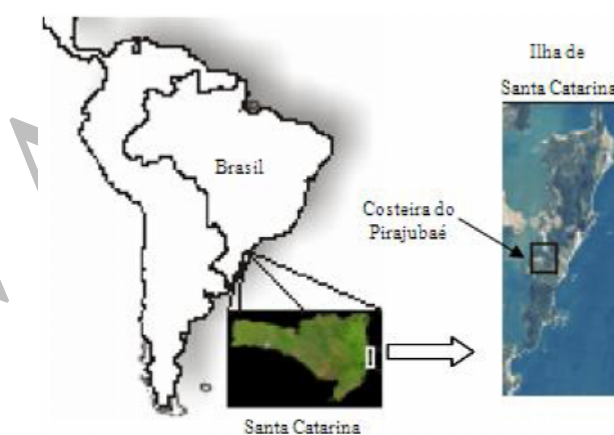


Figura 1 - Área de estudo

um aterro hidráulico, o qual margeia a Costeira do Pirajubaé, visando melhorar o acesso ao aeroporto Hercílio Luz e as praias do sul da ilha.

A implantação desta obra não levou em consideração a importância sócio-econômica e cultural do ecossistema manguezal, pois quando comparado com os demais manguezais localizados na Ilha de Santa Catarina (Ratones, Saco Grande e Itacorubi), o manguezal do Rio Tavares é o que apresenta uma maior interação do homem com o ambiente, servindo como fonte de subsistência para inúmeras famílias extrativistas, além das diversas funções ecológicas (TOGNETTA DE ROSA, 2000).

Considerada como uma ferramenta importante para o gerenciamento costeiro integrado, a análise sócio-econômica e cultural da comunidade pesqueira do Pirajubaé caracteriza-se por apresentar de subsídios para tal gerenciamento, visando alcançar o desenvolvimento ecologicamente sustentado da região.

Desta forma, o presente estudo procurou identificar a relação direta existente entre a comunidade do Pirajubaé e o manguezal do Rio Tavares, bem como a sua visão perante o ecossistema e quais os reflexos da implantação do aterro hidráulico sobre a comunidade local.

2. METODOLOGIA

Para identificar a relação direta existente entre a comunidade e o manguezal do Rio Tavares, primeiramente, realizou-se o reconhecimento da área envolvente do manguezal, com o intuito de estabelecer o primeiro contacto com a população local, bem como conseguir junto da AREMAPI (Associação dos Pescadores da RESEX do Pirajubaé) o número de pescadores cadastrados, profissão principal, localização de seus ranchos e de suas residências.

Elaborou-se um questionário para padronizar a obtenção dos dados que se baseou em um roteiro aplicado para avaliar as comunidades pesqueiras do litoral centro-norte catarinense, desenvolvido por Medeiros e colaboradores (1997). Esse questionário era composto de questões objetivas e abertas, possibilitando aos entrevistados expressar seus pensamentos e opiniões.

Os trabalhos de campo foram realizados durante o período de março de 1999 a maio de 2000 sendo os entrevistados abordados nos seus ranchos de pesca, no centro comunitário e em algumas residências próximas da RESEX. Destaca-se que todos os ranchos localizados na Costeira do Pirajubaé foram visitados e seus proprietários entrevistados. Além disso, a própria comunidade indicou outros pescadores que também atuavam na pesca nas proximidades da reserva.

Foram realizados dois tipos de questionários, um direcionado para a população que exercia atividades pesqueira e outro para o universo feminino. O enfoque das entrevistas com as mulheres foi averiguar veracidade na informação fornecida pelo pescador e também identificar a percepção da família em relação a pesca e ao manguezal.

As entrevistas eram realizadas individualmente para que fosse obtido maior confiabilidade entre entrevistador e entrevistado. Todos os entrevistados foram consultados sobre a disponibilidade em responder ao questionário e informados que suas

respostas contemplariam um estudo integrado do ecossistema manguezal no Rio Tavares.

Os dados amostrais foram transferidos para planilha eletrônica de forma que pudessem ser analisados estatisticamente, obtendo-se com isso a percentagem de respostas para cada item do questionário.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Dos 185 pescadores cadastrados na AREMAPI durante o levantamento prévio de informações sobre os pescadores que atuavam na RESEX, na ocasião das entrevistas, apenas 38 estavam efetivamente exercendo a profissão, ou seja, 20,5% do total de registrados na associação. Constatou-se que os demais pescadores cadastrados eram pessoas já falecidas, funcionários públicos, comerciantes, entre outras atividades econômicas. Provavelmente, estes cadastrados sem perfil pesqueiro associaram-se à AREMAPI com o intuito de desfrutar de alguns benefícios que esta associação oferece como a autorização para pescar na baía, bem como participar das eleições para compor a diretoria da AREMAPI. Constatou-se que não houve um processo seletivo e averiguação das atividades exercidas pelo pretendo associado durante a composição da associação, atitude essa bastante comum no Brasil.

Deste universo amostral inicial, isto é, os associados da AREMAPI, selecionou-se somente os pescadores que efetivamente atuavam na Baía Sul. Para definir o perfil sócio-econômico dos pescadores, realizou-se 85 entrevistas, sendo que 53% delas foram realizadas com os pescadores e 47%, com as mulheres dos mesmos e demais mulheres da comunidade (ou seja, 32% mulheres de pescadores e 15% mulheres da comunidade que não apresentam nenhuma relação com a atividade pesqueira do total de entrevistas desenvolvidas). As mulheres da comunidade foram escolhidas aleatoriamente durante as saídas de campo, sendo que as mesmas eram abordadas na avenida principal da Costeira do Pirajubaé ou em suas residências. Dos pescadores entrevistados, 15% exerciam a profissão, mas não estavam cadastrados na AREMAPI. Esses resultados levam a constatação que não havia um controle efetivo sobre as atividades pesqueiras e número de captura pela associação que propôs a RESEX. Salienta-se que

todos os pescadores que estavam atuando nas atividades pesqueiras na reserva foram entrevistados.

No decorrer dos trabalhos de campo, observou-se que o número fornecido pela associação não servia como parâmetro para quantificar os pescadores. A AREMAPI não possuía conhecimentos sobre os pescadores cadastrados que realmente atuavam nas atividades pesqueiras. Desta forma, as entrevistas deixaram de ser aplicadas quando se observou uma similaridade entre as respostas, levando a constatação de que o perfil dos pescadores já estava detalhado. O mesmo ocorreu para o universo amostral feminino, uma vez que nessas entrevistas buscou-se mais averiguar a percepção da família sobre o manguezal.

3.1 Perfil dos entrevistados na comunidade da Costeira do Pirajubá

Os entrevistados encontravam-se distribuídos na faixa etária dos 19 aos 70 anos, sendo que a faixa etária dos pescadores de maior representatividade era entre os 41 e os 50 anos. A faixa etária mais representativa das mulheres compreendia o intervalo dos 31 aos 40 anos. Considerando todos os entrevistados, observou-se que a maioria era casada (73%), seguida de viúvos (12%), separados ou divorciados (8%) e, por último, os solteiros (7%). Famílias composta por 3 ou 4 pessoas representam 57% dos entrevistados, com uma média de 1 a 2 filhos. Dos entrevistados casados somente 4,7% não tinham filhos. Uma pequena parcela dos entrevistados (5,5%) não possuía filhos, correspondendo aos solteiros e as faixas etárias mais jovens.

Somente 9,4% das famílias entrevistadas tinham filhos exercendo a profissão herdada pelos pais. Provavelmente, isto se devia a falta de incentivo dos pais, perante o desgaste cotidiano das condições pesqueiras. Resultados semelhantes foram obtidos por Medeiros et al. (1997) onde 62,34% dos pescadores do litoral centro-norte catarinense não gostariam que seus filhos exercessem a profissão de pescador, pois esses vêem a profissão como instável e não rentável economicamente.

Os entrevistados apresentavam baixo grau de escolaridade, tendo em vista que a maior representatividade encontrada foi de pessoas com estudos de 1ª a 4ª série (53%). Dos entrevistados,

35% estudaram somente até a 8ª série. A percentagem dos entrevistados analfabetos foi de 4%. Somente 7% dos entrevistados concluíram o 2º grau e apenas um deles completou os estudos superiores. Ressaltamos que o entrevistado que completou os estudos superiores estava cadastrado na AREMAPI, porém nunca exerceu a profissão de pescador. Esse resultado reforçou a percepção do não controle dos associados.

3.2 Os pescadores na Costeira do Pirajubá

Dos 45 pescadores entrevistados, 73% atuavam nas atividades pesqueiras seguindo tradição, onde a profissão era passada de pai para filho. Os demais (27%) não apresentaram essa tradição familiar.

Desses, 64% viviam exclusivamente das atividades pesqueiras sendo que 36% exerciam outras atividades com o propósito de complementar a renda familiar. Essas atividades variavam entre o comércio próprio (peixarias e/ou barracas de peixes) e as atividades de mão de obra (pedreiro, pintor, electricista e vigia noturno). Para estes, correspondendo a 36% dos entrevistados, a pesca na Costeira do Pirajubá era uma atividade secundária. Esse diagnóstico demonstrou a pressão social exercida pela escassez na oferta de empregos existente na região metropolitana de Florianópolis e nos levou a constatar que a ausência de tradição produziu inúmeros impactos sobre as atividades pesqueiras exercidas no manguezal.

Alguns desses impactos foram observados ao longo dos anos de estudos ecológicos no manguezal realizados por Tognella De Rosa que observou um aumento do corte de árvores para a construção de pontos de pesca e para a produção de petrechos pesqueiro, além de outros danos ambientais.

Em relação às embarcações, 80% dos pescadores eram proprietários de embarcações sendo que 75% das embarcações possuíam motor. Os principais tipos de embarcações utilizadas pela comunidade eram as canoas, as bateras, as lanchas e os botes e o comprimento das mesmas variava entre os 4 e os 8 metros.

A pesca era realizada diariamente por 53% dos pescadores, 44% desempenhavam a pescaria em dias alternados (dia sim, dia não) e 3% saíam para pescar todos os dias somente durante certas épocas do ano,

ou seja, na época da migração da tainha (*Mugil sp*), por exemplo. Os pescadores que dependiam exclusivamente da pesca realizavam as pescarias todos os dias, os que pescavam em dias alternados bem como aqueles que pescavam em determinadas épocas do ano, tinham na pesca uma fonte de renda secundária.

Os petrechos de pesca utilizados pelos pescadores na Baía Sul foram tarrafas seguidas pelas redes de fundeio, feiteceira, caceio e emalhe. Para a extração do berbigão utilizavam o gancho (rastelo manual), que se constitui de um gradeamento de ferro com uma distância entre barras de 18mm. Deste modo, extraem-se somente indivíduos acima deste tamanho, conseqüentemente, promovem a preservação dos indivíduos que ainda não participam do processo reprodutivo (TREMEL, 1994; SILVA, 1998). A malha do gancho ideal foi determinada após o estudo realizado por Tremel sobre a população de berbigão colonizadora do banco de Tipitinga.

O período de extração do berbigão obedecia às condições de fluxo e refluxo das marés, mostrando a necessidade de uma relação bastante íntima entre homem e o mar alcançando assim, uma maior eficiência no processo extrativista. O limite superior de captura situava-se mais ou menos ao nível da cintura pélvica do extrativista e o limite inferior aproximadamente ao nível dos joelhos. Quando o nível de água está abaixo do joelho, a água deixa de atuar como um fator de diminuição do peso do gancho, dificultando a atividade de coleta. (SALLES, 1996; SILVA, 1998).

A coleta ocorria durante o dia, de modo que os catadores iniciavam as atividades logo nas primeiras horas do dia e encerravam à tarde, em seguida, o produto obtido no processo de extração era processado (SILVA, 1998). Essa etapa da atividade envolvia também as mulheres da família.

O processamento do berbigão é tradicionalmente chamado de “Tia Maria”, tendo sido acompanhado durante os estudos para avaliar a interação familiar nas atividades pesqueiras. O processo consiste na utilização de latas de flandres, onde é colocada serragem com alguns gravetos constituindo um fogareiro artesanal, desta forma, o berbigão é cozido visando facilitar o desconchamento. O berbigão processado era encaminhado para o comércio, que

se identificou como sendo local ou interestadual. Neste caso, o mercado consumidor era o Estado de São Paulo, preferencialmente.

Segundo VALE (1992), essa espécie (*Anomalocardia brasiliana*) está entre as mais capturadas no ambiente marinho, principalmente pelas comunidades praias de baixa renda, devido sua ampla distribuição geográfica, a fácil captura e ao agradável paladar. Nossos resultados demonstraram que uma grande parcela da comunidade pesqueira dependia diretamente deste recurso para sua sobrevivência econômica.

Além do berbigão, os pescadores citaram como as espécies mais capturadas a corvina (*Micropogonias furnieri*), o bagre (*Genidens genidens*), a enchova (*Pomatomus saltatrix*), o linguado (*Citharichthys spilopterus*), o parati (*Mugil curema*) e a tainhota (*Mugil platanus*). Houve também referência ao camarão (*Penaeus sp*), ao siri (*Callinectes sp*) e ao caranguejo (*Ucides sp*).

Não foi possível caracterizar a captura mensal dos peixes capturados e do berbigão realizada por cada pescador, nem os custos e o retorno financeiro proporcionado pelo pescado. Os pescadores alegavam que depois da construção do aterro hidráulico houve uma queda na captura, portanto, não sabiam quantificar ao certo quanto capturavam por dia.

Essa intervenção econômica na área, isto é, a implantação e ampliação da malha viária foram de forte impacto na atividade cultural desenvolvida por uma comunidade tradicional. Anteriormente ao processo de implantação da RESEX, o pesquisador Ernesto Tremel acompanhava sistematicamente o manejo da espécie, havendo com isso um controle da comunidade do esforço pesqueiro sobre este recurso. Posteriormente, não houve uma preocupação nem da comunidade, nem da Associação em manter esse controle do esforço pesqueiro. Isso caracteriza a ausência de uma política pesqueira nacional para os inúmeros recursos costeiros de cunho extrativista.

TOGNELLA DE ROSA (2000) observou que, no momento de realização das obras de implantação do aterro hidráulico, houve um bloom na captura do berbigão, sendo que no mês de outubro de 1996 a comunidade pesqueira capturou num único mês a tonelagem correspondente a toda produção do ano

anterior.

A percentagem dos pescadores que realizavam a pesca diretamente no manguezal é relativamente pequena (5,26%), não sendo de grande expressão esta atividade extrativista no manguezal do Rio Tavares, uma vez que o mesmo encontra-se protegido pela RESEX.

Em relação aos demais recursos pesqueiros, cerca de 48% do produto capturado pelos pescadores era utilizado para o consumo próprio e 41% era vendido diretamente pelos pescadores sem a presença do intermediário. O restante (11%) era repassado a um comprador, com o principal produto, o berbigão, sendo comercializado em outros estados, especialmente para São Paulo, onde era comercializado e degustado como vôngole.

3.3 O papel da mulher na comunidade

Das 40 mulheres entrevistadas apenas 32% eram esposas de pescadores, as restantes não apresentavam nenhuma ligação familiar com a tradição pesqueira. A maioria das entrevistadas era do lar (82%), as demais trabalhavam como lavadeira e empregadas domésticas (10%), no comércio local (5%) e apenas 3% eram estudantes.

A tarefa de auxiliar os maridos nos ranchos de pesca com a atividade de descascar o berbigão e/ou limpar camarão era uma função realizada por apenas 18% das mulheres esposas de pescadores. Essas passavam o dia nos ranchos de pesca, trabalhando ou apenas servindo de companhia ao marido. Durante o trabalho de campo, observou-se que a distância entre os ranchos de pesca e as residências, obrigou os pescadores, bem como suas esposas, a equiparem os ranchos com fogões, banheiros, pequenas geladeiras, possibilitando certo conforto durante o tempo em que permaneciam fora de casa.

Segundo TEIXEIRA (1998), comunidades caboclas do Pará apresentavam várias atividades diretamente ligadas às áreas de manguezal e uma bastante interessante era o uso da flora desse ecossistema. O autor relata vários usos do mangue, incluindo o tingimento de redes de pesca e panos de velas de canoas empregando tanino, chá contra diarreia e hemorróidas, além do uso da casca de *Rhizophora racemosa* (mangue vermelho) para estancar hemorragia. De todas as entrevistadas, nenhuma delas conhecia

ou utilizava algum produto oriundo do manguezal para fins medicinais, mas durante o questionamento abordando aspectos de etnobotânica as mulheres da comunidade relataram que: "...durante a infância lembram-se que alguns pescadores entravam no mangue para retirar as folhas do mangue vermelho e mangue branco para vender, pois serviam como pigmento corante para as redes de pesca".

SILVA (1998) descreveu que na década de 30, a utilização do tanino apresentava grande importância local, sendo até mesmo exportado para outros países. SOUZA SOBRINHO et al. (1969) atribuíram a esse fato a baixa densidade de indivíduos de *Rhizophora mangle* neste manguezal.

CARUSO (1983) relatou que esta exploração causou um grande impacto sobre o ecossistema manguezal, onde podia ser observada grande parte das árvores desfolhadas por esta atividade extrativista. Após este período, o tanino foi substituído por produtos derivados de petróleo, desta maneira, deixou de ocorrer à exploração comercial, permitindo a regeneração das áreas degradadas. Além disso, houve substituição das fibras naturais na confecção dos petrechos pesqueiros por material sintético.

O artesanato era realizado por 67% das mulheres, e dessas, apenas 13% comercializavam seus trabalhos manuais como alternativa para complementar a renda familiar. Esses trabalhos eram: a produção de renda de bilro, crochê, tricô, tapeçaria e bordado.

3.4 O manguezal do Rio Tavares

Considerando todos os entrevistados, 98% conheciam o manguezal do Rio Tavares. Desses 71% acreditavam que o manguezal era vantajoso para a comunidade e, somente, 28% viam apenas desvantagens em ter uma área de mangue tão perto de suas residências.

As vantagens do ecossistema manguezal, segundo os entrevistados, eram referentes à existência de uma área verde; um local propício para encontrar o caranguejo e o marisco; um local de descanso para as aves; um local que serve como berçário do mar e favoreceu a criação da RESEX. Entre as desvantagens, os entrevistados viam o manguezal como um criadouro de insetos; um depósito de lixo e zona de mau cheiro. Das mulheres entrevistadas, 57% apontavam somente desvantagens em relação

ao ecossistema manguezal, enquanto que apenas 4% dos pescadores acreditavam que o manguezal era desvantajoso para a comunidade. Provavelmente, isso se devia ao contato direto do homem com o ecossistema, enquanto que as mulheres muitas vezes tinham um contacto indireto com o mesmo.

Essas informações obtidas levam-nos a constatar que as dificuldades encontradas pelo Poder Público na preservação dos recursos naturais resultam em degradação deste ambiente, principalmente das questões sanitárias. Este aspecto é reforçado pelas desvantagens citadas em relação ao ambiente, que por si não estão relacionadas às suas características ambientais, mas sim a sua degradação. A porcentagem de registro negativos provenientes das entrevistas das mulheres reforça essa premissa, uma vez que os pescadores por sua vivência cotidiana apresentam um olhar diferenciado em relação ao manguezal.

Verificou-se que muitos pescadores utilizavam o manguezal para “guardarem” suas embarcações, desta forma, além de protegidas, também facilitava na hora de serem levadas ao mar, pois é grande a proximidade dos ranchos com o canal. Mas esse costume não deixava de ser mais uma forma de ocupação desordenada do manguezal, que ocorre ao longo de quase todo litoral brasileiro.

Muitos dos entrevistados residiam em locais decorrentes da invasão de terrenos de manguezal. Como essas residências encontravam-se em locais impróprios, muitas delas sofriam com a variação das marés de sizígia e quadratura, as quais ocasionavam a inundação dessas casas.

3.5 O aterro hidráulico

A taxa de recriminação do aterro hidráulico podia ser consideravelmente alta (82%). Os entrevistados condenavam a obra, principalmente, pela perda da produção de berbigão e do camarão na baía, conseqüentemente, a diminuição das atividades extrativistas e pesqueiras. A questão dessa obra foi bastante discutida pelos moradores locais, os quais se mostravam otimistas em relação ao final da mesma, pois acreditavam na valorização da área, na diminuição do trânsito durante os horários de maior movimento e na temporada de verão. Outra questão enfocada pelos entrevistados referia-se aos ranchos

de pesca. Depois da construção do aterro hidráulico, os ranchos foram realocados para a franja do aterro, o que dificultou muito a venda do produto, que antes era comercializado diretamente com as pessoas que transitavam pela avenida.

SILVA (1998) descreveu semelhantes dificuldades enfocadas pelos pescadores da Costeira do Pirajubaé demonstrando claramente o quão prejudicial esta obra foi para suas atividades e para a comunidade local sendo clara a degradação social, econômica e ecológica resultante.

Durante o trabalho de campo, observou-se o abandono de vários ranchos de pesca, indicando um declínio da captura e um desinteresse frente à atividade pesqueira.

3.6 Aspectos da comunidade

Dos entrevistados, 62% moravam no bairro há mais de 20 anos. Grande parte dos moradores mais antigos eram na maioria pescadores que ainda exerciam a atividade pesqueira, os outros, eram provenientes de outras regiões do município de Florianópolis. Apesar dos problemas enfrentados pelos pescadores, 87% dos entrevistados estavam satisfeitos e pretendiam continuar residindo no bairro e, apenas 13%, estavam insatisfeitos. Esta insatisfação estaria diretamente relacionada com a construção do aterro hidráulico.

Segundo os entrevistados, 20% possuíam fossa, 26% lançavam seus efluentes no esgoto e 54% lançavam os efluentes in natura diretamente no manguezal. O saneamento básico foi um problema verificado em diversas comunidades pesqueiras ao longo do litoral centro-norte catarinense. Medeiros et al. (1997) caracterizaram nove comunidades de pescadores artesanais, e quando estas foram questionadas sobre os principais problemas enfrentados pela comunidade, sete indicaram a falta de saneamento básico adequado como o fator principal. Não diferente das demais comunidades, a Costeira do Pirajubaé também sofria com este fato. Podia-se notar o lançamento do esgoto próximo aos ranchos de pesca, sendo que nos mesmos, os pescados (berbigão e peixes) eram muitas vezes manuseados, sem nenhum cuidado higiênico.

Com a construção do aterro hidráulico, houve o represamento do esgoto procedente do morro e das

residências da Avenida Jorge Lacerda, resultando em mau cheiro e, conseqüentemente, afastando os clientes que compravam berbigão no local. Não houve nenhum cuidado da prefeitura ou da empresa responsável pela obra com o saneamento básico, desta maneira, todo o esgoto que antes caía diretamente na Baía Sul, passou a ser represado nas proximidades dos ranchos de pesca.

Quanto à coleta de lixo, 94% dos entrevistados entregavam seus resíduos sólidos para a coleta da prefeitura, 5% lançavam os dejetos no manguezal e 1% queimavam o lixo. Durante os trabalhos de campo, observou-se que as conchas dos berbigões, bem como as vísceras dos peixes, eram lançadas a céu aberto, propiciando a proliferação de insetos e animais patógenos. Estes resultados não corroboram com SILVA (1998), o qual relatou que todo lixo produzido pelas famílias dos catadores de berbigão, segundo seus próprios depoimentos era de 100% coletado pelo serviço de coleta de lixo municipal. Entretanto, *in locu*, observava-se que a realidade era diferente do relatado.

As festas tradicionais realizadas na Costeira do Pirajubaé estavam relacionadas diretamente com festas religiosas e de confraternização no centro comunitário. Dos entrevistados, 59% participavam destas festas religiosas e de confraternização, enquanto 41% não participavam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando todas as áreas de manguezais da Ilha de Santa Catarina, o manguezal do Rio Tavares era aquele que apresentava uma maior interação homem/ambiente e esta relação estava diretamente relacionada com a atividade pesqueira da Baía Sul.

Após a construção do aterro hidráulico houve uma diminuição de pescadores e extrativistas atuantes, o que caracterizou um impacto social, econômico e cultural decorrente do aterro hidráulico.

Pode-se considerar que o empreendimento trouxe benefício para a cidade de Florianópolis, principalmente, na época de alta temporada, por outro lado, causou uma descaracterização e, possivelmente, uma perda de identidade da comunidade pesqueira.

Mesmo sabendo da relação direta da maioria dos entrevistados com o manguezal é necessário um

trabalho de Sensibilização e Educação Ambiental na área em questão.

É imprescindível a realização de trabalhos sócio-econômico e cultural das comunidades pesqueiras existentes no litoral catarinense que dependam diretamente ou não do ecossistema manguezal. Estudos deste cunho devem servir como ferramenta para o Gerenciamento Costeiro Integrado visando alcançar o desenvolvimento sustentado da comunidade e, conseqüentemente, servirem como parâmetro de avaliação dos (futuros) impactos ambientais.

BIBLIOGRAFIA

- Caruso, M.M.L. (1983) - *O desmatamento da Ilha de Santa Catarina de 1500 aos dias atuais*. Florianópolis, EDUFSC.
- IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis). (s/d.) - *Reserva Extrativista Marinha do Pirajubaé : histórico, importância, características e problemas*. Florianópolis, Brasil.
- IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis). (1997) - *Plano de utilização da Reserva Extrativista Marinha do Pirajubaé*. Brasília, Brasil.
- Medeiros, R.P., Vizinho, S.C, Macedo, C.X. & Polette, M. (1997). Diagnóstico sócio-econômico e cultural das comunidades pesqueiras artesanais do litoral centro-norte do Estado de Santa Catarina. *Notas Técnicas da FACIMAR.*, SI1, 33-42.
- Salles, J.C.V.G.B. (1996) - *Reserva Extrativista Marinha do Pirajubaé: um espaço geográfico e sua importância ambiental e econômica*. Monografia, Universidade Federal de Santa Catarina.
- Silva, R.B.A da. (1998) - *Um perfil sócio-ambiental dos catadores de berbigão (Anomalocardia brasiliana) da Reserva Extrativista Marinha do Pirajubaé, Ilha de Santa Catarina, SC, Brasil*. Monografia, Universidade Federal de Santa Catarina.
- Souza Sobrinho, R.J., Bresolin, A. & Klein, R.M. (1969) - Os manguezais na Ilha de Santa Catarina. *Insula*, SI2,1-21.
- Teixeira, C.R. (1998) - Manguezais do Pará em perigo. *Ciência hoje*, n.º 141, v. 24.
- Tognella – De – Rosa, M.M.P. (2000) - *Manguezais Catarinenses, Baía da Babitonga e Rio Tavares: uma abordagem ecológica e econômica*. Tese de Doutorado,

- Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo, 216 + anexos.
- Tremel, E. (1994) - Exploração racional do berbigão. Casqueiro. *Informativo sobre cultivo de moluscos e aquicultura marinha*, SI2.
- Vale, C.C. do. (1992) - *Homens e caranguejos: uma contribuição ao estudo dos manguezais da Baía de Vitória (ES) como fonte de alimento*. Monografia, Universidade Federal do Espírito Santo.

PROVA